



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao programa Fareed Zakaria GPS, da rede CNN**

**Nova Iorque-EUA, 16 de março de 2009**

**Jornalista:** Presidente Lula, muito obrigado por se juntar a nós. O senhor se encontrou com o Presidente Obama e o encontrou durou muito mais do que esperado. Do que falaram?

**Presidente:** Eu penso que o presidente Obama significa, para os Estados Unidos e para o mundo, uma possibilidade extraordinária de uma renovação na política externa americana, sobretudo se levarmos em conta a necessidade de uma melhor relação com a África, uma melhor relação com a América Latina.

Nós conversamos muito sobre a crise econômica. A crise econômica nasceu nos Estados Unidos, ela é resultado de uma política de especulação no mercado imobiliário. O que não se sabia é que essa crise tinha a extensão mundial que ela está tendo. Em setembro de 2007, se imaginava que fosse uma crise apenas americana e, por conseguinte, os Estados Unidos têm mais responsabilidade, sobretudo, de recuperar a confiança interna, recuperar a capacidade de crédito do país, para que nós consigamos normalizar o crédito no mundo inteiro.

Bem, além da questão da crise, nós decidimos criar um grupo de trabalho entre Brasil e Estados Unidos para participar do G-20 em Londres. E, ao mesmo tempo, discutimos um pouco sobre a relação dos Estados Unidos com a América Latina. É preciso que os Estados Unidos tenham uma relação mais otimista com relação à América Latina. É um continente em que a democracia está se fortalecendo, e eu penso que os Estados Unidos têm um papel importante para jogar, não aquele papel da ingerência política, mas aquele papel da participação criteriosa, da construção de parcerias. Também



discutimos um pouco sobre a questão do etanol, sobre a questão climática.

Eu posso dizer que fiquei bem impressionado, primeiro com o fato de ser um presidente jovem, e o fato de ser um presidente negro nos Estados Unidos. Eu disse para o Obama que eu estou rezando por ele mais do que rezo por mim, porque embora eu tenha problemas, ele tem um problema muito mais delicado que o meu. Eu penso que é um grande teste um presidente da República tomar posse numa crise, como o Obama tomou. Mas me causou extraordinária impressão, e ele tem tudo para criar uma nova imagem dos Estados Unidos em relação ao mundo.

**Jornalista:** O senhor se dava muito bem com o Presidente Bush. Qual é a diferença entre eles?

**Presidente:** Veja, eu tive uma boa relação com o presidente Bush. É verdade que o Bush teve uma parceria, eu diria, muito amistosa com o Brasil, mas houve poucos avanços, por exemplo, na questão do etanol. Houve uma melhoria substancial no fluxo da balança comercial Brasil-Estados Unidos. Nós temos um fluxo na balança de aproximadamente US\$ 54 bilhões, US\$ 26 bilhões de importação brasileira, e US\$ 28 bilhões de importações americanas.

Isso melhorou substancialmente. Nós criamos um grupo de trabalho para discutir a questão energética do mundo. Não avança porque tem os problemas políticos, os problemas culturais, os problemas de matriz energética. E eu espero que o presidente Obama seja um passo seguinte.

Eu penso que o Obama não tem que se preocupar tanto com a Guerra do Iraque. Ele já fez um discurso dizendo da necessidade de diminuir as tropas no Afeganistão e no Iraque. Isso vai permitir que ele tenha mais tempo para discutir os problemas internos dos Estados Unidos e discutir a possibilidade de construir políticas de paz onde não tem guerra, que é a América Latina e a África.



**Jornalista:** Eu tenho que fazer uma pergunta que é uma questão paroquial americana. Um dos assuntos que o senhor discutiu com o Presidente Obama foi o caso do menino Goldman. O que o Brasil pode fazer? Há muita preocupação nos EUA sobre o destino dessa criança.

**Presidente:** O governo brasileiro já fez o que era possível o Poder Executivo fazer, em um país que tem o Poder Judiciário independente. Esse era um caso que estava na Vara criminal normal do estado de São Paulo e, através da Advocacia-Geral da União, nós trouxemos o caso para a Justiça Federal.

Este caso está para ser julgado, e eu penso que a decisão da Justiça brasileira será soberana. Eu penso que ela será mais justa, sobretudo levando em conta o bem-estar de um menino de oito anos de idade.

**Jornalista:** que o senhor acha, pessoalmente?

**Presidente:** Eu, pessoalmente, acho que essas brigas não deveriam acontecer da forma que estão acontecendo. Não faz muito tempo, nós tivemos um caso entre um menino cubano e o Estado americano, ou seja, a história é mais ou menos semelhante. Da mesma forma que a Justiça tomou decisão nos Estados Unidos, eu espero que a Justiça brasileira tome a decisão e faça a coisa mais justa possível.

No fundo, no fundo, o que todos nós queremos é que a decisão, atendendo o pai ou atendendo os familiares, faça com que a criança seja muito mais feliz e se sinta bem.

**Jornalista:** Presidente Lula, o senhor é provavelmente o líder mais popular do mundo atualmente. O senhor tem uma taxa de aprovação de 80%. Por quê?



**Presidente:** Eu penso que nós fizemos a coisa certa, no momento certo. Nós temos trabalhado muito no Brasil. Você sabe que o Brasil é um país de muitas desigualdades sociais. O Brasil é um país que tem gente... O fato é que todo ano nós elevamos o aumento do salário mínimo. Essas coisas todas têm possibilitado que as pessoas percebam que, sem ferir ninguém, sem afrontar ninguém, sem brigar com ninguém, nós estamos fazendo as coisas acontecerem no Brasil. O pobre está sendo menos pobre, e isso é tudo que nós queremos para o Brasil.

**Jornalista:** O senhor sabe que muita gente acha que por causa dos altos preços do petróleo, do gás natural e dos produtos agrícolas, o Brasil (incompreensível) por um “boom” de commodities. Quando houve a descoberta de petróleo na costa, o senhor disse que Deus é brasileiro. Agora, com o barril do petróleo a US\$ 40,00, Deus ainda é brasileiro? O senhor conseguirá administrar todas as coisas que descreveu com o preço das commodities caindo?

**Presidente:** O Brasil não é exportador de petróleo. O petróleo que nós produzimos nós consumimos, e ainda temos que importar um pouco de petróleo, porque utilizamos muito óleo diesel. Essa descoberta do petróleo para nós é muito importante, porque nós vamos mudar o marco regulatório da Lei do Petróleo para garantir com que uma parte desse petróleo que nós encontramos, a gente resolva dois problemas no Brasil: o problema da pobreza e o problema da educação.

O Brasil não quer se transformar em um exportador de óleo cru. Nós queremos nos transformar em um país exportador de derivados de petróleo: mais gasolina, mais óleo diesel de qualidade, fortalecer a indústria petroquímica. Obviamente que eu estou muito feliz pelo fato de termos encontrado petróleo. Agora, no dia 1º de maio, nós vamos tirar o primeiro barril



de petróleo a 6 mil metros de profundidade, o que é uma conquista tecnológica extraordinária para a Petrobras e para o Brasil.

Todos os investimentos da Petrobras não foram calculados com o preço do petróleo em US\$ 150, ou em US\$ 100, foram calculados com o preço do petróleo em US\$ 35 o barril, por isso, ele estando a 40, ainda temos margem de manobra para continuar fazendo todos os investimentos.

Com relação às *commodities*, o que aconteceu, na verdade, é que não havia nenhuma explicação para as *commodities* agrícolas terem subido do jeito que subiram no ano passado. A inflação deu sinais de volta, os preços internos ficaram muito caros. E agora, o que nós estamos percebendo? É que o petróleo chegou a US\$ 150, e a soja chegou ao preço que chegou por conta da especulação no mercado futuro. Ou seja, as pessoas, fugindo dos investimentos no *subprime*, que já tinha quebrado, começaram a especular no mercado futuro do petróleo e no mercado futuro da soja, em indústria e *commodities*, e isso fez com que os preços disparassem.

As coisas estão voltando à normalidade, e eu penso que nós precisamos regular o sistema financeiro como forma de a gente não permitir que 90% da humanidade que vive do seu trabalho seja vítima de especuladores. É preciso que a economia esteja intimamente voltada ao setor produtivo. Ou seja, um país tem que crescer, um banco tem que crescer, uma pessoa tem que crescer produzindo alguma coisa, não especulando alguma coisa.

Por isso, eu estou convencido de que o Brasil vai continuar sendo o grande produtor de *commodities* agrícolas, o Brasil vai, se Deus quiser, ser um grande produtor de petróleo. Mas nós vamos trabalhar para que o preço seja o mais justo possível. Afinal de contas, nós precisamos elevar a vida de milhões de seres humanos na Índia, de milhões de seres humanos na África, de milhões de seres humanos na América Latina, que querem conquistar o direito de ser menos pobres, eles querem tomar café de manhã, almoçar, jantar, estudar, ter acesso à cultura. Eles não querem nada. Eles querem o mínimo



que os Estados têm que garantir. É para isso que vai servir toda a riqueza que nós encontrarmos no pré-sal brasileiro.

**Jornalista:** Mas o senhor sabe que uma das críticas que as pessoas fazem é que (incompreensível) o senhor não reformou o sistema tributário (incompreensível).

**Presidente:** Esse discurso, na verdade, que alguns fazem contra o Brasil, não tem mais lógica (incompreensível). O dado concreto é quando eu cheguei na Presidência da República, a dívida pública equivalia a 56% do PIB, e hoje equivale a apenas 35% do PIB. O dado concreto é que a inflação estava a 12%, com viés de 17%, e hoje ela está a 4,5%. O dado concreto é que os pobres melhoraram de vida, ganharam mais dinheiro, podendo consumir mais. O dado concreto é que nós temos estabilidade econômica. O dado concreto é que as nossas exportações quadruplicaram nesses seis anos. O dado concreto é que nós estamos investindo em infraestrutura como não tínhamos investido nos últimos 30 anos no Brasil. O dado concreto é que o crescimento da economia brasileira é o maior dos últimos 30 anos.

Então, eu penso que o Brasil vive um momento de credibilidade internacional, um momento de estabilidade monetária, um momento de tranquilidade fiscal. Nós mandamos um projeto para o Congresso Nacional, para votarem a reforma tributária, está no Congresso Nacional. Nós mandamos a reforma política para votar no Congresso Nacional.

E, sobretudo, eu criei grupos de trabalho entre governo, os sindicatos e os trabalhadores, para fazer a reforma trabalhista, para fazer a reforma da Previdência. Agora, os empresários e os trabalhadores têm que dar opinião, sobretudo os trabalhadores. A reforma não pode ser da ótica do governo, a reforma tem que ser da ótica da capacidade de negociação que as pessoas têm de negociar em torno de uma mesa.



O Brasil é um país democrático. Eu venho do movimento sindical, aprendi a negociar a vida inteira. Então, as pessoas têm que entender que pode demorar um dia a mais, pode demorar um mês a mais, ou até um ano, mas em torno de uma mesa de negociação é muito mais fácil nós encontrarmos as soluções para os problemas que podem gerar conflitos entre capital e trabalho, ou que podem dificultar o desenvolvimento de uma nação. No caso do Brasil não é um problema trabalhista. Se você comparar o salário de um trabalhador brasileiro com o de um trabalhador americano exercendo a mesma função, você vai perceber que o trabalhador americano ganha dez vezes mais que o trabalhador brasileiro. O problema no Brasil é que nós ficamos mais de um século permitindo que mais da metade da sociedade ficasse abaixo da linha da pobreza. Eram 44 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza e nós (incompreensível) com isso.

Eu tive o prazer de criar o programa Luz para Todos, e eu tive o prazer [de ver o] que é transportar uma mulher, ou uma criança, do século XVIII para o século XIX, para o século XX ou século XXI em um segundo, quando você coloca energia na casa dela. E tudo isso nós estamos fazendo de graça, porque entendemos que é direito de qualquer cidadão ter acesso aos benefícios causados pela capacidade de crescimento do país.

Durante muitos anos o Brasil foi governado para 35 milhões de habitantes, para um terço da população ou para um quarto da população. E eu resolvi que nós temos que governar para todos. Se o rico perder um pouquinho, ele não vai ficar pobre. Mas se o pobre não ganhar um pouquinho, ele vai continuar miserável. E nós estamos convencidos de que a justiça de uma nação só se dará quando todos participarem do processo de desenvolvimento. É isso que nós estamos fazendo no Brasil, e graças a Deus tem dado certo.

**Jornalista:** Senhor Presidente, o senhor acredita que a economia brasileira vai crescer este ano? Em outras palavras, que crescerá mais do que 0%? Porque



a produção industrial em janeiro despencou. O senhor continua confiante no que vem dizendo há alguns meses, que a economia brasileira vai apresentar crescimento positivo?

**Presidente:** Veja, é que janeiro, comparado a janeiro do ano passado, é muito complicado, porque em janeiro do ano passado o crescimento foi extraordinário, e nós tivemos um problema nos meses de outubro, novembro e dezembro. Na verdade, a crise já existia nos Estados Unidos desde setembro de 2007, e ela só chegou ao Brasil em setembro de 2008. No começo de janeiro e em fevereiro nós já começamos a sentir que com relação a dezembro e a outubro, que foram os piores meses, a economia já deu uma pequena recuperação. Eu estou convencido de que neste segundo trimestre ela vai se recuperar um pouco mais, e ainda vamos chegar ao final do ano com crescimento positivo. Não será o crescimento que nós queríamos, nós estávamos prevendo um crescimento de mais de 5%. Mas nós também não prevíamos, e nenhum economista do mundo previa, que a crise tivesse o tamanho e a profundidade que está tendo, nos Estados Unidos, e até agora nós não sabemos se já chegou ao final da crise. Não se imaginava que um banco como o Lehman Brothers pudesse quebrar, como quebrou.

Agora, nós estamos precisando de novas decisões políticas, que dependem muito do governo americano, que dependem muito do governo dos países ricos. Como é que nós vamos restabelecer o crédito no mundo? Como é que nós vamos restabelecer a confiabilidade do consumidor americano, do consumidor europeu? Como é que nós vamos restabelecer o crédito para poder suportar o fluxo na balança comercial entre os países? Esse é um problema de que nós não temos como fugir, na reunião do G-20, em Londres, esse é um problema que nós vamos ter que encarar com muita responsabilidade, porque eu digo sempre que agora é a hora de tomar decisões políticas. Agora não é hora de colocar técnicos para discutir, agora é



hora de provar. Nós, que fomos eleitos prometendo coisas para o povo, assumindo compromissos com o povo, o que nós vamos fazer? Como nós vamos restabelecer o crédito nos Estados Unidos? Como é que nós vamos restabelecer o crédito internacional?

Esse é um desafio que eu acho... eu acho importante o seguinte: eu já estava até ficando desanimado, na vida política, porque eu já estou com seis anos de mandato, e no final do mandato a gente vai ficando cansado. Essa crise é quase uma provocação, uma boa provocação, que está me dando ânimo, que está me dando disposição para brigar. Quanto mais crise, mais política social; quanto mais crise, mais investimento do Estado. Nós estamos investindo hoje, no Brasil, o que nunca foi investido nos últimos 30 anos, em ferrovias, hidrovias, eclusas, pontes, aeroportos, portos, habitação, saneamento básico. Nós estamos fazendo o que nunca foi feito, por quê? Porque para enfrentar essa crise, é preciso que a gente faça mais investimentos. Não é uma crise de ajuste fiscal, como na década de 90, em que era preciso conter gastos. Agora é preciso fazer investimentos. E nós temos que ter coragem, porque no Brasil nós temos uma série de coisas para fazer, que em outros países já foram feitas muito tempo atrás. Então, nos outros países, os presidentes vão ter que ser muito mais criativos do que nós, no Brasil, que temos que fazer apenas as coisas que o povo brasileiro precisa. Eu trabalho com muito otimismo de que o crescimento será positivo. Agora, será mais fácil se os Estados Unidos resolverem o problema deles, será mais fácil se a União Européia resolver os seus problemas, será mais fácil se o Japão resolver os problemas. Aliás, eu disse ao presidente Obama: é importante, Presidente, que o Presidente leia com atenção o que aconteceu na crise japonesa nos anos 90. A crise durou 10 anos porque o Japão não tomou uma atitude com relação aos bancos. Aqui, se não for resolvido o problema dos bancos que quebraram, eu me pergunto: até quando vai se continuar colocando dinheiro nos bancos, se o crédito não volta? Eu vi na imprensa



americana, esses dias, que uma grande seguradora, a AIG, se não me falha a memória, recebeu dinheiro do governo e pagou bônus para alguns diretores.

**Jornalista:** O que o senhor acha disso?

**Presidente:** Eu acho um escândalo, eu acho um escândalo. As pessoas pobres estão esperando que nós façamos as coisas. Não é possível que a gente veja no mundo inteiro, todo mundo dando dinheiro para banco e não resolve o problema nosso. O que nós precisamos é fazer investimentos em coisas que gerem emprego. Eu estou convencido... Não sei por que, mas acho que Deus me diz que o Obama vai fazer as coisas que tem que fazer. Eu acho que ele está pesquisando, eu acho que ele está estudando, ele está escutando, está conversando com muita gente, mas ele sabe o que tem que fazer.

Vocês não sabem a alegria que eu tive, na televisão brasileira, vendo a posse do presidente Obama. Eu nunca tinha visto uma posse americana em que tivesse tanta gente pobre participando da posse, nunca vi. Aquilo me emocionou, porque eu sei o que é a pobreza vivida de perto, eu sei o que é um povo viver na enchente, eu sei o que é um povo ficar desempregado. E o Obama despertou uma esperança e uma expectativa excepcionais. Eu disse para o Obama: quando eu tomei posse, no dia 1º de janeiro de 2003, eu disse no meu discurso: eu não tenho o direito de errar, eu não posso fracassar. Porque, se um operário eleito presidente da República fracassa, nunca mais um operário será eleito, porque será vítima do preconceito. Este país ter eleito um negro Presidente da República, da forma como o Obama foi eleito, vencendo todas as barreiras internas e depois as externas, eu disse: você também não pode errar. Ou seja, a expectativa gerada em torno dele é muito grande. Portanto, eu acho que Deus não colocou ele de graça na Presidência da República, é porque alguma coisa importante vai acontecer neste país.



**Jornalista:** E o senhor passou uma hora e meia com ele falando sobre isso.  
(incompreensível)

**Presidente:** Não, eu não posso dizer qual é o sentimento, porque essa é uma coisa muito íntima do presidente Obama. Mas eu acho que ele sabe que tem que fazer alguma coisa, tem que fazer. Sobretudo, ele sabe que tem uma parcela do mundo que depende da boa política americana. Se a economia americana vai bem, não é apenas o povo americano que vai bem, os povos de outros países também vão bem. Então, eu acho que ele tem essa responsabilidade, ele tem essa clareza política, e eu acho que no momento certo ele vai tomar as decisões corretas. A única coisa que eu posso dizer é que nós queremos ser parceiros dos Estados Unidos, parceiros da América Latina, parceiros da Europa, para que encontremos logo uma saída para essa crise. Afinal de contas, o mundo vinha em uma situação tão boa. O Brasil passou quase 30 anos sem crescer. A Argentina passou muitos anos sem crescer. Os países da América Latina estavam empobrecidos. Agora, que nós estávamos gostando de crescer e tínhamos aprendido a crescer, não é justo que a gente seja pego e seja vitimado por uma crise que aconteceu nos países ricos.

Eu penso que, não apenas o presidente Obama, mas o presidente Sarkozy, a primeira-ministra Angela Merkel, eu acho que o primeiro-ministro Gordon Brown, eu acho que todos, todos, sem distinção, vão ter que chegar em Londres com um pouco mais de responsabilidade e com um pouco mais de compromisso. Ou seja, a hora é da política, a hora não é dos técnicos, e por isso eu estou convencido de que nós vamos encontrar uma saída.

**Jornalista:** O senhor disse que quer ter boas relações com os EUA. Mas, em dezembro passado, o senhor teve uma reunião com 33 países das Américas e o senhor disse que era a primeira vez que os países da América foram



convidados para uma reunião sem os EUA. Por que o senhor fez isso? Certamente pareceu uma decisão para que se houvesse uma reunião (incompreensível) que excluiu os EUA.

**Presidente:** Bem, se eu ficar olhando quantas reuniões os Estados Unidos fizeram, que eu não participei, nós vamos perceber que eu não sou o primeiro a fazer. Não, agora falando sério, desde que Colombo descobriu a América e Portugal descobriu o Brasil, nós não tínhamos feito, nunca, uma reunião apenas entre os países latino-americanos e do Caribe, sozinhos. Nunca tínhamos feito, em 500 anos. Nós entendíamos que era necessário fazer essa reunião sem que houvesse grandes potências econômicas participando, porque seria uma reunião de países mais iguais, de países com os mesmos problemas, de países com as mesmas similaridades, e eu acho que foi muito importante. Foi uma reunião madura, foi uma reunião em que as pessoas puderam discutir com muita frieza. Cuba não tem muito fórum onde participa e foi uma reunião, inclusive, em que os cubanos participaram. Os cubanos não participam de uma reunião onde participam os países da América Latina, Portugal e Espanha. Eu acho que foi importante, não foi contra ninguém a reunião, ela foi extremamente importante e, quem sabe, de outras vezes poderemos fazer reuniões com a participação de outros países.

Agora mesmo, vamos ter em Trinidad e Tobago uma reunião, a Cúpula das Américas, onde estará o presidente Obama e todos os países da América Latina e Caribe.

**Jornalista:** O senhor falou de como esta crise vai alterar a geografia do mundo, a política mundial. O senhor quer um mundo que seja diferente, no qual países como o Brasil, Índia e China tenham um papel maior. O que o senhor espera que aconteça? Especificamente, que poderes o senhor quer para o Brasil e que não tem agora?



**Presidente:** Primeiro, nós temos uma forte aliança com a Índia, com a China, porque... Com o México, com a África do Sul, ou seja, cada país tenta criar os agrupamentos que melhor convêm, do ponto de vista da similaridade, da potencialidade, da troca de negócios. A China tem sido uma grande parceira do Brasil; [com] a Índia, nós temos compromisso de parceria estratégica com a Índia; nós temos compromisso de parceria estratégica com a África do Sul. O que nós queremos, na verdade? Nós queremos ter mais incidência nas decisões políticas do mundo. Por exemplo, nós queremos que as instituições multilaterais de financiamento não sejam fechadas apenas entre europeus e americanos, ou seja, FMI e Banco Mundial. Nós queremos que seja uma coisa mais aberta e que outros países possam participar, e participar do centro de decisão. Nós queremos (incompreensível) o Conselho de Segurança das Nações Unidas, no que diz respeito aos membros permanentes. A geografia de 2009 é diferente da geografia de 1948, quando foram criadas as Nações Unidas. Portanto, nós queremos que mais continentes participem. Por exemplo, eu defendo que a Índia participe do Conselho de Segurança Nacional [da ONU], eu defendo que o Brasil participe, eu defendo que o continente africano tenha um ou dois membros. Tem divergência da Itália, que não quer que a Alemanha participe; tem divergência da China, que não quer que o Japão participe. Mas eu acho isso tudo uma bobagem, quanto mais países importantes nos seus continentes participarem do Conselho de Segurança da ONU, mais nós estaremos criando um Conselho de Segurança representativo, que vai dar mais autoridade moral e política para a ONU tomar decisões.

**Jornalista:** O senhor acha que o G-20 deveria ser o novo fórum de tomada de decisão, não só para crise financeira, mas mais amplamente, já que reúne os países tradicionais do G-7/G-8 com países emergentes. Por que não usá-lo [o G-20] como o lugar para se discutir energia, mudança climática e todas as



formas de cooperação internacional?

**Presidente:** Eu estou de acordo, eu acho que uma reunião do G-8, hoje, sem os Bric's, uma reunião do G-8 sem a China, sem a Índia, sem a Rússia, sem o Brasil, sem a África do Sul, sem o México, é uma coisa meio defeituosa. Até porque nós temos [países] emergentes com muito mais importância do que os países que participam do G-8, do ponto de vista da responsabilidade política. Vários líderes políticos já defendem a idéia de que a gente deveria ter o G-8 mais um G-5, seria um G-13. Mas se eu puder dar a minha opinião sincera, eu vou te dizer: eu acho que o G-20 deveria se transformar em um grande fórum para que a gente pudesse discutir economia, discutir as questões climáticas, discutir a questão da paz no mundo, porque é muito mais representativo, muito mais heterogêneo e representa com muito mais fidelidade a geografia política e econômica do mundo hoje.

**Jornalista:** O novo Conselho de Segurança da ONU.

**Presidente:** Vamos ver se vai sair. Eu estou convencido de que... eu conversei muito isso com o presidente Bush, conversei no sábado com o presidente Obama. Tem a concordância da Índia, tem a concordância da África do Sul, tem a concordância da Alemanha, do Japão, da França, do Reino Unido. Agora, a China ainda tem uma divergência e os Estados Unidos ainda têm uma divergência. Mas eu penso que o tempo vai se encarregar de fazer com que também Estados Unidos e China compreendam que seria bom para as Nações Unidas se a gente pudesse ter um leque maior de países representando os seus continentes.

**Jornalista:** Deixe-me perguntar sobre alguns países do Ocidente. O senhor é reconhecido com um grande símbolo de democracia nas Américas e o senhor



é um grande democrata com uma história de sucesso, assim como o Presidente Obama, que veio de uma origem muito humilde. Ao mesmo tempo, algumas pessoas dizem que o senhor se calou enquanto Hugo Chávez destruía a democracia na Venezuela. O senhor o trata como amigo e nunca criticou realmente o retrocesso completo da democracia na Venezuela. Por que não falar abertamente disso? Se o Brasil quer ter um papel mais importante no mundo, isso não seria parte, defender esses valores?

**Presidente:** A gente pode não concordar com a democracia da Venezuela, mas não se pode dizer que não tem democracia. Eu estou apenas há dois anos a menos do que o Chávez no governo, há quatro anos, e ele já fez cinco ou seis eleições na Venezuela, (incompreensível) as duas de que eu participei.

**Jornalista:** O senhor não gostaria de ter as vantagens que ele tem quando concorre, com a oposição (incompreensível), seus homens nas ruas? Isso não é uma democracia verdadeira.

**Presidente:** Nós temos que respeitar a cultura de cada país, os hábitos políticos de cada país, a cultura política de cada país. Eu, por exemplo, sou contra o terceiro mandato. Eu poderia, neste momento em que tenho 84% de aprovação da opinião pública, propor que um deputado apresentasse uma emenda de terceiro mandato. Eu não quero porque eu acredito na renovação, eu acredito que a troca de presidentes é importante para o fortalecimento da democracia. Mas o Chávez quis, eu fiquei sabendo que o Uribe está querendo propor uma emenda para ter um terceiro mandato. O que as pessoas precisam perceber é que o que vale para a gente vale para os outros, ou seja, se eu quero para mim um terceiro mandato, significa que o meu adversário vai querer um quarto. Aí você começa a criar problemas na democracia. A alternância de



poder é uma coisa que, no Brasil, eu não abro mão dela. Ela é importante, e eu já fui presidente por oito anos.

Agora, o Brasil tem uma excelente relação com a Venezuela. Temos uma boa relação política, uma boa relação comercial, o Brasil tem feito muitos investimentos na Venezuela. Eu acho que os Estados Unidos precisam se aproximar da Venezuela, porque eu acho que isso seria benéfico aos Estados Unidos e à Venezuela.

**Jornalista:** Como faríamos isso? O Presidente da Venezuela nos ataca o tempo todo, ele fala que o Presidente dos Estados Unidos o faz lembrar do satanás. Como se aproximar nessas circunstâncias?

**Presidente:** Você pode estar me achando otimista demais, mas eu sou otimista. Eu acho que temos que apagar um pouco da memória o que aconteceu em 2002, quando o presidente Chávez se convenceu de que foi o presidente Bush que tentou dar um golpe contra ele, na Venezuela. Eu disse ao Chávez, em um comício que eu fiz agora na Venezuela, na inauguração de um conjunto de residências, que era preciso que houvesse uma aproximação com o presidente Obama, porque é uma chance de estabelecer novos laços de amizade. Da mesma forma...

**Jornalista:** E o que ele disse?

**Presidente:** Disse que gostaria. E agora nós vamos ter a chance, em Trinidad e Tobago. Em Trinidad e Tobago ninguém vai poder correr de ninguém, vai estar todo mundo em uma sala e vamos poder conversar. A mesma coisa eu disse ao Evo Morales, que era importante que nós tomássemos decisão de uma aproximação, sem abrir mão das divergências. Ninguém precisa concordar com tudo que as pessoas falam. Mas na relação de Estado para



Estado, nós temos que compreender que nós poderemos nos ajudar muito mais.

Você sabe que eu vivo problemas na América do Sul. Eu sou vizinho do Paraguai, que tem problemas de divergências com o Brasil, a Bolívia tem problemas com o Brasil, recentemente tivemos um problema com o Equador. Eu não faço disso nenhum problema de brigar com nenhum companheiro, eu prefiro ter uma boa conversa, porque se eu ficar trocando acusações pela televisão (incompreensível) companheiros americanos.

Mas como eu acho que o Obama é uma figura diferenciada, inclusive que ganhou as eleições ao (incompreensível) a maioria dos filhos de cubanos, de pessoas de descendência cubana, eu acho que era preciso fazer um gesto. Se você me perguntar qual, eu não sei. Mas eu acho que não tem mais nenhum sentindo a gente ficar, pela Revolução de 1959, ainda com esse bloqueio absurdo. De qualquer forma, eu penso que isso depende muito da boa vontade dos Estados Unidos e da boa vontade dos cubanos, para que possa começar a haver um entrosamento. Quem sabe, eu ainda esteja vivo quando houver o desbloqueio definitivo.

**Jornalista:** Quando o senhor foi eleito Presidente do Brasil, tinha o histórico de membro do Partido dos Trabalhadores, de socialista. A imprensa brasileira perguntou se o senhor era marxista-leninista, o senhor respondeu que era um torneiro mecânico. O que o senhor quis dizer com isso? O que o fato de ter sido um torneiro mecânico traz para sua perspectiva, quero dizer, o senhor vem de uma longa trajetória desde ter sido torneiro mecânico.

**Presidente:** Eu aprendi muito no mundo da fábrica, eu aprendi muito no movimento sindical. E eu tenho orgulho de ter sido torneiro mecânico porque eu sou o oitavo filho de uma família, e eu fui o primeiro a ter um diploma



primário, eu fui o primeiro a ter um diploma técnico, em que me formei em torneiro mecânico. Por conta disso eu fui o primeiro a ter um carro, o primeiro a ter uma televisão, o primeiro a ter uma geladeira, o primeiro a ter uma casa, a ter um emprego ganhando um pouco mais. Virei presidente do Sindicato e virei Presidente da República. Então, eu tenho orgulho de ter sido torneiro mecânico. Mas essa resposta que eu dei, é porque no Brasil, naquele tempo, todo mundo era carimbado: você é comunista, é socialista, é de direita, é de esquerda. Então, quando o jornalista me fez essa pergunta, eu falei: eu sou torneiro mecânico. Mas eu sou um homem que [se considera] um socialista, um homem que tem uma visão do mundo, eu diria, mais justa, uma visão do mundo em que o Estado cumpra o papel de tutor, de regulador, para que o povo pobre não seja vítima da especulação e da exploração.

Agora, eu também acredito que essas coisas vão sendo construídas no dia a dia, essas coisas vão sendo construídas na medida em que se construir a democracia. A democracia não é uma coisa menor. Somente por causa da democracia é que eu cheguei à Presidência da República, somente por causa da democracia é que o Obama chegou à Presidência da República, somente por causa da democracia é que um índio governa a Bolívia. Eu valorizo muito isso, isso para mim é de um valor inestimável, incomensurável, ter um processo democrático que permite que pessoas de origens diferentes, de cores diferentes, de credos diferentes possam disputar as eleições e chegar à Presidência da República.

Por isso é que o meu partido continua sendo um partido socialista, meu partido... Mas nunca definiu que tipo de socialismo! Por quê? Porque tem tanta gente que se diz socialista e tem tanto matiz de socialismo, que o PT preferiu dizer que o socialismo que o PT defende será construído pela própria classe trabalhadora. Portanto, nós ainda estamos em um processo de construção.

**Jornalista:** Quando está no G-20, com todos os outros líderes, o senhor diz



a si mesmo que foi um longo caminho desde a fábrica?

**Presidente:** Eu sinto isso. Não sei se um presidente da República deveria falar o que eu vou falar. Mas quando eu estou sentado, no G-20... De todos aqueles presidentes que estão lá, eu fui o único que certamente passou muita miséria e fome. Morei em casas em que davam enchentes de 1,5m de água dentro da minha casa. Às vezes, eu tinha que disputar espaço com ratos, com baratas, com dejetos boiando dentro da casa. Eu sei o que é o desemprego porque eu fiquei desempregado por um ano e meio, e sei o drama de um trabalhador desempregado. Conheço o mundo sindical como acho que nenhum conhece. Talvez o primeiro-ministro da Austrália conheça um pouco a questão sindical, porque ele também foi sindicalista. Então, de vez em quando eu me sinto um ser estranho, de vez em quando eu pergunto: o que eu estou fazendo aqui? Mas foi a democracia que me levou ali, foi o meu povo que me levou ali. Então, eu me sinto igual a todos, não me sinto menor do que ninguém. Dez anos atrás, eu via essas pessoas na televisão, e jamais imaginei chegar perto deles, jamais. E, de repente, eu estou no meio deles discutindo em igualdade de condições, às vezes aprendendo, às vezes ensinando. Isso é a coisa gostosa da política, e essa é a coisa gostosa da democracia.

**Jornalista:** Presidente Lula, muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado a você.

(\$31DHJLMQ)